

Miguel Telles Antunes

**A MOEDA ISLÂMICA NO AL-ANDALUZ.
Origens, desenvolvimentos,
importância económica**



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

A MOEDA ISLÂMICA NO AL-ANDALUZ. Origens, desenvolvimentos, importância económica

AUTOR

MIGUEL TELLES ANTUNES

EDITOR

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

EDIÇÃO

DIANA SARAIVA DE CARVALHO

ISBN

978-972-623-332-9

ORGANIZAÇÃO



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS
DE LISBOA

Academia das Ciências de Lisboa

R. Academia das Ciências, 19

1249-122 LISBOA

Telefone: 213219730

Correio Eletrónico: geral@acad-ciencias.pt

Internet: www.acad-ciencias.pt

Copyright © Academia das Ciências de Lisboa (ACL), 2017

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, por qualquer meio, sem autorização do Editor

A MOEDA ISLÂMICA NO AL-ANDALUZ

Origens, desenvolvimentos, importância económica

Miguel Telles Antunes
(Sócio Efectivo da Academia das Ciências de Lisboa;
Director do Museu Maynense)

Nota preambular

O sucesso do ciclo *Testemunhos da presença islâmica em Portugal*, no âmbito do Curso do Instituto de Estudos Académicos Adriano Moreira, da Academia das Ciências de Lisboa, traduz o interesse crescente do público por uma temática rica. Com efeito, eram muito limitados os conhecimentos acerca da presença secular dos “mouros” na área onde hoje é Portugal. Parte da parte islâmica da Península, por eles denominada Al-Andaluz.

Mas, porquê abordar a numismática? Razão essencial é porque fornece informação particularmente valiosa. Poder e propaganda, religiosa e política, valor, flutuações da economia e do comércio, crises — tudo aparece, ou pode aparecer, espelhado na moeda. No caso do ouro, a denominação fundamental era o *dinar*, nome que deriva afinal do latim *denarius aureus*. De início, mais não foram do que adaptações sensivelmente do mesmo valor da moeda do Império romano tardio e continuada no Império bizantino, o *solidus*. A proibição da usura pelo Corão resultava em que, à excepção de graves crises, a moeda islâmica era melhor em título que a moeda de estados cristãos, e circulava nestes.

Quanto à prata, a denominação fundamental era o *dirhem*, nome derivado de *dracma*, espécie monetária grega adoptada pelos Samânidas do Irão e continuada após o advento do Islão.

Enfim, havia divisores de cobre, os *fulûs* (plural), *felce* no singular, nome que nada mais é do que o da moeda bizantina, o *follis*. Forçoso é concluir que o advento da moeda islâmica representou de certo modo uma continuidade com o passado e não uma transformação radical.

Episódios de empobrecimento? Quando o dinheiro abunda, até é possível aos governantes fazer uns floreados. A demagogia também tem o seu papel. Se falta a riqueza, acaba por não se enganar mais o respeitável público. As desvalorizações acontecem, e até pode advir a bancarrota.

Faz sentido recordar alguns factos fundamentais. Primeiro, o denominador comum, a predominância política de aderentes ao Islamismo, mas estes não devem ser vistos de modo simplista. Dos pontos de vista étnico e religioso, a par de árabes ‘nobres’ da Síria e de outros do Sul, como os iemenitas, havia grande número de berberes, e variadíssimos de outras origens. Coexistiam com descendentes islamizados de populações de origem latina, ou germânica, a par de imigrantes originariamente cristãos, como os numerosos eslavos que integraram como mercenários os exércitos peninsulares. Tudo isto além de populações que permaneceram cristãs, e de judeus sefárdicos.

Do ponto de vista religioso, o Islamismo não era monolítico. Na maioria seguiam a tradição. Tal como hoje, eram *sunitas*, ainda que enquadrados por diversas distinções quanto a escolas de pensamento.

Divisão fundamental resulta do massacre, em Damasco, na Síria, da Dinastia Califal dos Omíadas, quase inteiramente exterminados pelos Abácidas, vindos, segundo eles, para restabelecer a justiça. Transfeririam a sede do Califado para Bagdad.

Porém, um único Omíada consegue fugir: ‘Abd-er-Rahman, o emigrante, que fundaria um Amirado no Al-Andaluz, eliminando aí o regime de Governadores dependentes do Califa oriental. O Amirado originou o Califado com capital em Córdova, rival do que tinha sede em Bagdad. Daí a existência simultânea de dois Califas, o que não obliterou a presença de islâmicos minoritários mas de fortes convicções — até hoje! —, os xiitas. Veneram em especial o 4.º Califa, ‘Ali, casado com Fátima, filha do Profeta. ‘Ali foi derrotado, destituído, assassinado. Mas os seus adeptos jamais desistiram. Não surpreende que, onde quer que ganhassem força, se constituíssem aparte. Daí resultou um terceiro Califado, o dos Fatimitas, com alguma influência no Al-Andaluz. Pude recuperar moedas fatímidas em achados ocorridos em Pinhel e Mértola.

Entretanto surgiram novas correntes religiosas e políticas com influência do Al-Andaluz. Assim, não houve uma invasão ‘árabe’, houve várias além das iniciais. Além de períodos correspondentes ao Amirado e ao Califado Omíada sedeados em Córdova, houve eventos revolucionários de que resultou o colapso do poder central e a fragmentação em reinos dissidentes, as *taifas*. Da decadência destes resultaram a progressão dos cristãos do Norte e outra grande invasão, a dos **Almorávidas** ou ‘eremitas, os consagrados a Deus’, que haviam constituído um grande Império na África do Norte. Decadência dos almorávidas resultou em novas taifas, a que sucedeu a grande

invasão dos **Almóadas**, os ‘unitários’, ferrenhos defensores de um Islão radical. Tanto Almorávidas como Almóadas introduziram sistemas monetários baseados no ouro e prata, de tipologia diferente mas de boa qualidade. Os Almorávidas, a par dos dinares e raros *dirhems*, cunharam pequenas moedas de prata, os quirates e fracções. Quanto aos Almóadas, introduziram dinares e fracções de tipologia diferente, com quadrado preenchido por inscrições, e moedas de prata quadradas, muito típicas.

Da queda dos Almóadas resultaram novas taifas, a última das quais, a de Granada, seria conquistada em 1492 pelos Reis Católicos. Assim terminou a história dos Estados Islâmicos peninsulares. Em África, o Império almóada cindiu-se em três partes, a dos **Háfsidas** aproximadamente no que é hoje a Tunísia, **Ziânidas** na Argélia, e **Merínidas** em Marrocos. A estes, aliados a Granada, se deve uma derradeira invasão de grandes proporções para reconquistar terreno, saldada pela sua derrota na Batalha do Salado.

A moeda islâmica evoluiu e relacionou-se de modos vários com as moedas cristãs. Basicamente houve cunhagens de ouro; de prata às vezes adulterada para bilhão, ou seja, liga com mais de 50% de cobre; e de cobre.

Também é de notar características de legendas, em que é frequentemente acentuada a Profissão de Fé. Mas, também nisso, há antecedentes ante-islâmicos. Enfim, com excepções, é evitada a representação da figura humana, ou de outras.

No entanto, é de sublinhar que, muitas vezes, houve a preocupação em produzir moedas do mesmo valor, ou de valor facilmente cambiável em moedas de Estados, sobretudo de Estados cristãos, o que, afinal, facilitava o comércio. A conquista cristã do Algarve não impediu que os excelentes figos secos, as amêndoas e o mel não continuassem a ser comprados por mercadores islâmicos.

Houve mesmo a registar a tentativa de penetração comercial a partir das praças portuguesas em Marrocos, com o lançamento de fulûs em nome de “Manūīl, sultān Bortūqal”.

Mais tarde, resolvido o abastecimento de ouro obtido, sobretudo, na feitoria de Arguim, o Portugal de Afonso V lançou moeda de ouro com projecção internacional, o *cruzado*. Mas, afinal, o cruzado tinha valor correspondente ao dos *florins* e *sequins* de Veneza, Aragão e outros Estados, a par do dinar dos sultões mamelucos do Egipto. Ainda mais tarde e tratando de boa e grande moeda de prata, cerca de uma onça, o *thaler* de territórios germânicos veio a ter a concorrência dos *reales de a ocho* do

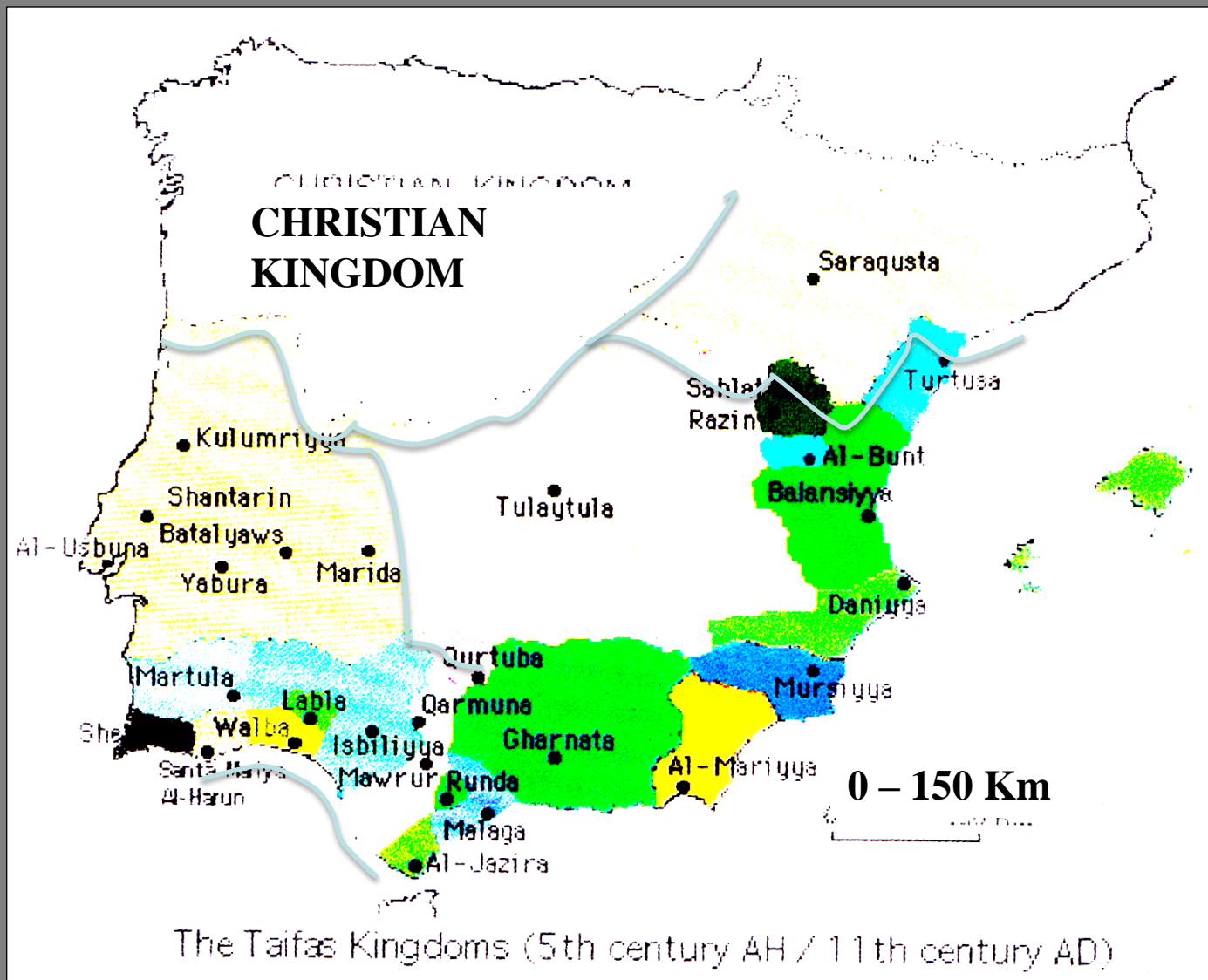
Império espanhol, dos *meticais* do grande rei de Marrocos Mohammed III, dos *dólares* norte-americanos e ingleses, e até dos *dólares* do Império Otomano.

Religiões aparte, as relações económicas foram-se desenvolvendo. Assim foi. E continua...

Tempos islâmicos na Península Ibérica

Ano AD <>	Ano Hégira	Governança em territórios islâmicos	Eventos – referências/ data
711	92	CALIFADO OMÍADA (Damasco) GOVERNADORES califais no Al-Andaluz	→→ 1. ^a INVASÃO ISLÂMICA Batalha de Guadalete Colapso do Estado visigótico
750	132	Califado Abácida, mantendo-se em funções no Al-Andaluz o ÚLTIMO GOVERNADOR OMÍADA	Massacre dos Omíadas e fuga de ‘Abd-r-Rahman, da Síria à África do Norte e daí ao Al – A n d a l u z
756	138	Advento de ‘Abd-r-Rahman I e instauração do EMIRADO (Omíada) de A l - A n d a l u z	Imigração de numerosos árabes do Norte (Síria, etc.), do Sul (Iémen, etc.), iranianos, berberes e eslavos

929	316	<p>O Emir ‘Abd-r-Rahman III proclama-se Califa; instauração do CALIFADO DE CÓRDOVA, correspondendo também a competição sunita contra o Califado F a t í m i d a, x i i t a</p>	<p>Prestígio do Califado com ‘Abd-r-Rahman III e seu filho Al-Hakem II; sucede-lhe o inepto Hixam II, dominado por Almanson; apogeu político-militar com base em forças berberes</p>
1009	399	<p>Revolução (“FITNA”): - Hixam II é forçado a abdicar. Até 422, 14 reinados ± efémeros de califas Omíadas (7) e Hammúidas (3); pelo menos 6 foram assassinados, os outros f u g i r a m</p>	<p>Anarquia e guerra civil, com apoios dos estados cristãos. Os governadores das províncias assumem poder real, às vezes invocando um Califa desaparecido ou indeterminado</p>
1031	422	<p>Fim do Califado de Córdoba, com retirada de Hixam III; prossegue a fragmentação em Reinos dissidentes, as 1.ªs TAIFAS. Decadência económica, com desvalorização da moeda, nuns casos devido a tributos pagos ao R e i n o de L e ã o e C a s t e l a</p>	<p>Principais taifas com território hoje português:</p> <ul style="list-style-type: none"> - B a d a j o z (Dinastia Alaftácida) e - S e v i l h a (Dinastia Abbádida). <p>Avanço da reconquista cristã</p>



Taifas do Califado

1057	448	Surge novo poder na África do Norte, o IMPÉRIO ALMORÁVIDA	Reis de taifas pedem socorro aos almorávidas →→ 2.ª INVASÃO ISLÂMICA (almorávida)
1086-	479-	Os almorávidas invadem o Al-Andaluz (479)	Derrotam Afonso VI na batalha de Zalaca , 479/1086, submetem taifas e recuperam ante os cristãos
1145	539	Enfraquecidos pela sublevação dos almóadas em África a partir de 524/1130, os almorávidas entram em decadência e desaparecem (execução do último Amir em 541/1146). Revoltas no Al-Andaluz, entre as quais a de Ibn Qasi. <i>2.ªs TAIFAS, período do maior interesse para território hoje no Sul de Portugal.</i> Ibn Qasi tentou aliança com Afonso Henriques; foi assassinado em Silves	Ibn Qasi funda (539) um Estado com sede em Mértola. Tem pretensões ao domínio (ou alianças) com Ibn Wazir de Évora, Abu Talib em Beja, e outros; Hamdin é proclamado rei em Córdova, mas é destituído, não sem ter sido acatado por Ibn Wazir, que chegou a proclamar-se rei. <i>Cunhagens em Mértola, Beja e Silves</i>

1147	541	<p>Foram constituídos o IMPÉRIO e CALIFADO ALMÓADA.</p> <p>Entram na Península (542) e progressivamente, até ca. de 600, submetem as taifas anti-almorávidas</p>	<p>→→ 3.^a INVASÃO ISLÂMICA (Almódas).</p> <p>Submissão de taifas; eliminação de Ibn Qasi e adesão de Ibn Wazir (548 / 1154). O 2.^o Califa, Abu Ya'cub Yusuf, é ferido ao atacar Santarém, sem sucesso, falecendo (581 / 1186)</p>
1184-1199	580-595	<p>Reinado do 3.^o Califa. Apogeu do poder almóada na Península</p>	<p>O 3.^o Califa, Abu Yusuf Ya'cub, o Vitorioso (<i>Al-Mansur</i>), recupera terreno até Almada (586 / 1191) e derrota os castelhanos na batalha de Alarcos (591 / 1195)</p>
1212	609	<p>Viragem decisiva e decadência do poder almóada na Península e em África, onde o Império se cinde em 3 reinos: interessa em especial o dos M e r í n i d a s (em Marrocos)</p>	<p>O 4.^o Califa, Abu 'Abd Allah Muhammad al-Nasir, é derrotado na batalha das Navas de Tolosa (609 / 1212)</p>

1228	625	<p>Começo das 3.^{as} TAIFAS. Reinos de:</p> <p>Múrcia (625 /1228 - 668/ 1269) e Granada (629 / 1232-897 / 1492).</p> <p><i>Interesse para o Algarve</i></p>	<p>O último Amir do Algarve, Mussa ben Muhammad ben Nosair ben Mahfuz, é derrubado (conquista completa do Algarve, 1249)</p> <p><i>Cunhagens</i></p>
1340	740	<p>SOBERANIA PORTUGUESA em todo o território.</p>	<p>→→ 4.^a INVASÃO ISLÂMICA (Merínidas).</p> <p>Importantes forças tentam, em associação com Granada, recuperar território aos cristãos, mas são derrotadas na batalha do Salado (740 / 1340), com participação do exército português comandado por Afonso IV</p>
1415 -	817	<p>Conquista de Ceuta, expansão em Marrocos e a feitoria de Arguim. Descobertas. O ciclo do ouro da Índia. A mata atlântica e o “pau Brasil”. O ciclo do ouro do Brasil.</p>	<p>Relações nem sempre conflituosas, com intercâmbio comercial. Afluxo de ouro de territórios ao Sul do Sahara e profundas consequências na economia portuguesa. Etc.</p>

Em muitas moedas islâmicas, a legenda descritiva da data e local da oficina de cunhagem começa pela evocação de tributos de Deus, que aliás já constam da Bíblia:

Em nome de Deus Clemente e Compassivo, a mesma frase que inicia todos os Sura do Corão:

Em nome de Deus ... = بِسْمِ اللّٰهِ ...

Metal	Nomes em árabe	Nome	Origem do nome
Cu	فلس pl. فلس وس	Fals, Felce pl. Fulūs	De follis , φόλλις , tipo monetário do Baixo Império romano, pós - 294 AD, reinando D i o c l e c i a n o. Mantido no Império Bizantino
Ag (ou bolhão)	درهم pl. دراهم	Dirham, Direme pl. Darāhim Foram emitidos duplos e frações (1/2, 1/4)	De dracma , δραχμή , pl. dracmai , δραχμαί , moeda do I m p é r i o S a s s â n i d a (Irão), adoptada inicialmente pelos árabes. Foram emitidos subdivisores
Ag	قيراط	Quirāt, Quirate Múltiplo: duplo quirate < > dirhem. Submúltiplos : 1/2, 1/4, 1/8, 1/16	Pequenas moedas, importantes na numária dos Almorávidas e taifas subsequentes, as 2 ^{as} . Peso de 1 quilate
Au (às vezes degradado)	دينار	Dīnar, Dinar Há múltiplos e frações: 1/2 1/3 1/4	De denarius [<i>aureus</i>], a moeda de ouro romana, substituída no B a i x o I m p é r i o pelo <i>solidus</i> , mantido durante o I m p é r i o B i z a n t i n o. Foram emitidos subdivisores



MOEDAS DE OURO

Dinares primitivos, espessos mas de módulo reduzido como os *solidi* bizantinos da África do Norte:

- O 1.º com a profissão de Fé mas legendas periféricas em letras latinas;
- outro, de liga baixa com prata (electro, esverdeado), onde a legenda em letras latinas cerca uma estrela.

Dinar de tipo omíada.

Solidi bizantinos de peso correto e módulo reduzido, cunhados na África do Norte (Imperador H e r á c l i o; Heráclio + Heráclio Constantino).

Solidus (à direita) normal, de Constantinopla, também em nome de Heráclio + Heráclio Constantino .



MOEDAS DE PRATA

- *Dracma* de tipo sassânida (à direita) com palavras em árabe, modelo dos *dirhemes*;
- *Milliarion* bizantino com cruz potenciada, tipo semelhante ao dos *dirhemes*
- *Dirhemes* do Amirado de Al-Andaluz; caligrafia cúfica, tipo omíada.



Felces (Pl. *Fuluses*), moedas de cobre muito comuns no Al-Andaluz em tempos dos Governadores em nome dos Califas do Oriente, antes do Amirado



Califado de Al-Andaluz: *dinars* de diâmetro crescente emitidos em nome do 1.º Califa Omíada, ʿAbd al-Raḥman al-Nāṣir li-Dīn Allāh (Abderramão III, 300-350 H)



Califado F a t í m i d a (Xiita, referindo com destaque o 4.º Califa, ‘Ali; Mahgrebe e Sicília) – *D i n a r* típico, com legendas concêntricas, ladeado por *d i r h e m s* semelhantes, exemplares encontrados em Portugal (Pinhel, o dinar; Mértola, os dirhemes)



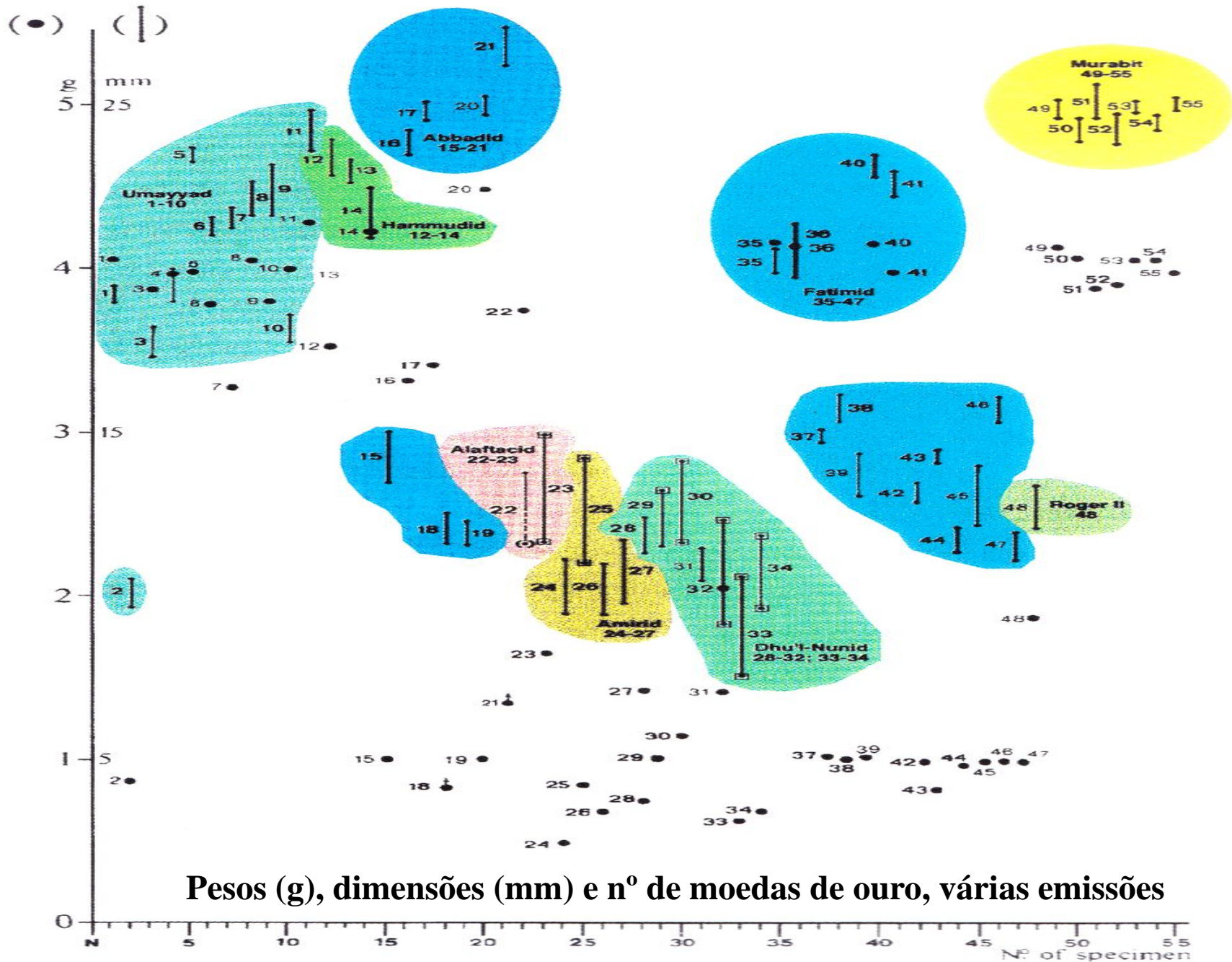
DINARES: ÁRABE E IMITAÇÕES PELOS CRUZADOS

Dinars (da direita para a esquerda): *SALADINO* (Egipto, etc.) e imitações da *Palestina*, sucessivamente mais afastadas do modelo original, com escrita muito deficiente, com erros ou ilegível; o último (à esquerda) com uma cruz



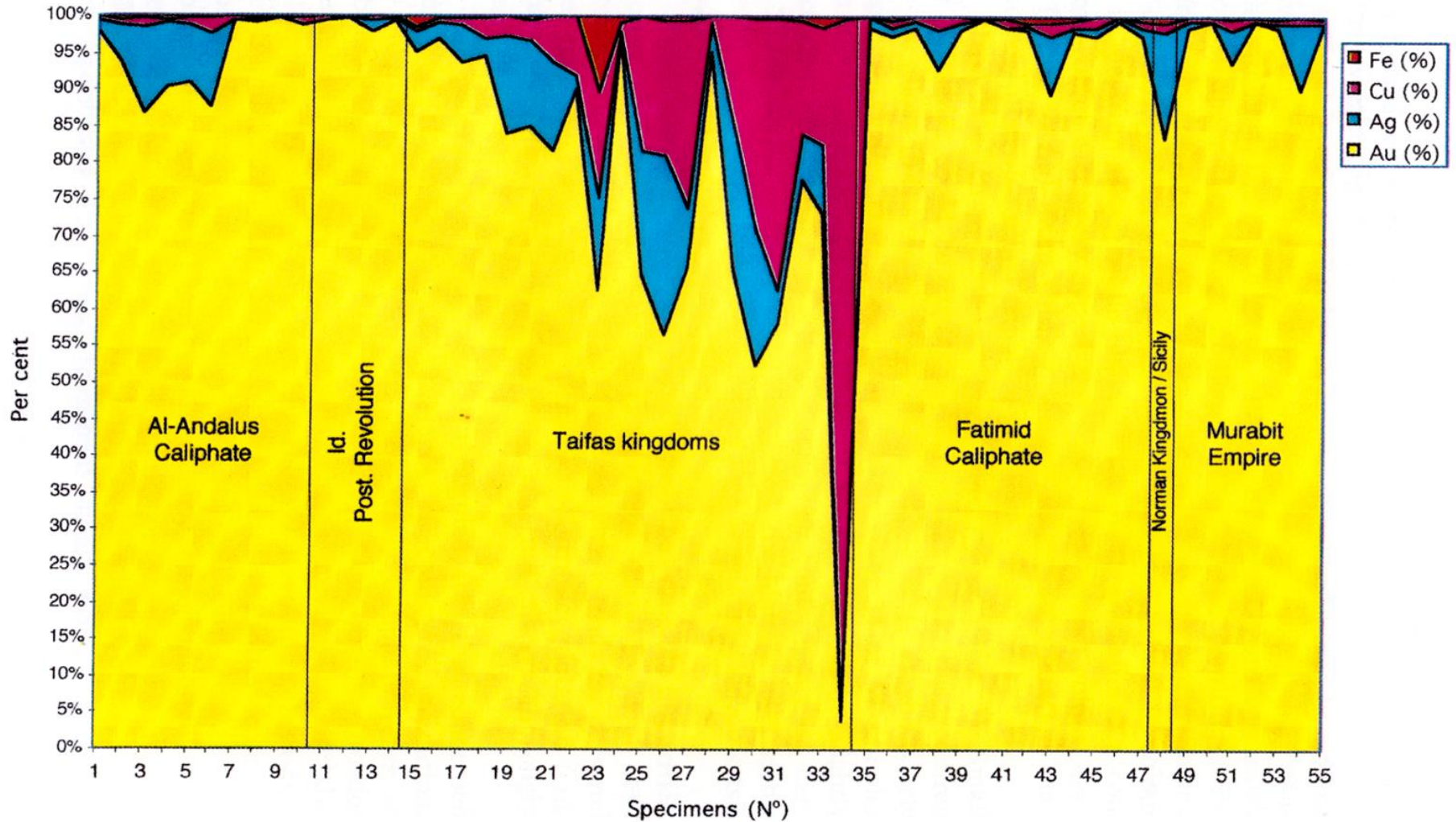
Dinars do Al-Andaluz [C ó r d o v a, à esquerda];
e do Mahgreb / F e z, Marrocos [à direita]
em nome do Califa Omíada

H i š a m a l – M u ’ a y a d b i – l l ā h (366 – 399 H; 2.º reinado,
400 - 403 H), pouco antes da revolução (*F i t n a*) de 399 H.



Pesos (g), dimensões (mm) e nº de moedas de ouro, várias emissões

Alloy composition of gold coins



LIGAS E TEORES DE OURO (da esquerda para a direita)
 Califado (O m í a d a e H a m m u d i d a) de Al-Andalus;
 primeiras T a i f a s; Califado F a t í m i d a,
 Reino N o r m a n d o (Sicília); Império A l m o r á v i d a



TAIFA DE SEVILHA (Abbáidas)

Dinare e Quarto de *Dinar*

Abbadal-Muṭaḍid, 1042 - 1069



TAIFA DE SEVILHA (A b b a d i d a s)
M u h a m m a d a l – M u ’ t a m i d (1069-1091),
D i n a r e s e f r a c ç ã o d e *D i n a r*



TAIFA DE SEVILHA (Abbadidas)

Muhammadal-Mu'tamid: dinar;
fracção de *dinar* (AV); *dirhem* (AE)

TAIFA DE BADAJOZ (Alaftácidas)

Banual-Aftas, fracções de dinar,
AV e AV degradado (à direita)



TAIFA DE TOLEDO (D'ul Núnidas)

Al-Zāfir (1); – *Al-Ma'mūn* (2 a 4) (nome em árabe)
; – *Al-Qādir* (5, à direita e em baixo).

**Frações de *dinar*, óbvia e espectacular degradação da
liga de ouro**



IMPÉRIO ALMORÁVIDA

“Revolução” monetária nas moedas de prata: anversos de *Quirate*, meio *Quirate* e quarto de *Quirate*, este em nome de *Alī ben Yūsuf* (1106 - 1143)



TAIFAS ALMORÁVIDAS (segundas Taifas)
Quirate de *A h m a d b e n Q a s ī* [3.^a linha]
'A b d / A l l a h Mārtula [4.^a linha] / Mértola



TAIFAS ALMORÁVIDAS
Quirate em nome do rei de Évora,
I b n W a z i r [linha em baixo]



CUNHAGENS DE CRISTÃOS

À esquerda, *denário* semelhante aos do arcebispo de Köln, *Dietrich von Heinsberg* (ca. 1204), perdido por um cruzado em 1217 na conquista de Alcácer do Sal; *dinheiro* de bolhão, id.; *dinheiro* de *Afonso Henriques*, de bolhão, com pentalfa semelhante ao de moedas almorávidas



GÉNESE DO MORABITINO

Dinares :

- à direita, *Alīben Yūsuf* (Almorávida) , Sigilmessa (Marrocos);
- Taifa almorávida de Múrcia, *Aḥmad ben Hūd*, Múrcia 540 H;
- *'Dinar cristão'* de *Alfonso VII*, Toledo;
- à esquerda, *Morabito* de *Sancho I*, Coimbra?, Portugal



À esquerda, *'d i n a r c r i s t ã o'* de Toledo, de Alfonso VIII de Leão e Castela (1158 - 1214), em árabe excepto ALF; a meio, *i d.* Alfonso IX de Leão (1188-1230), letras latinas; em baixo, *m o r a b i t i n o* de Sancho I (1185 - 1211). À direita, morabitino de Sancho I, anverso e reverso.



al-bī^ca . Imām
(DE) LA IGLESIA / IMAM

Bābā . al-masīhīya
(el) PAPA / CRISTIĀNA

ALF
ALF
ALF (onso)

'Dinar cristão' de *Alfonso VII* de Leão e Castela, Anverso (à esquerda) e explicação da legenda central



ALMÓADAS

“Revolução” monetária

- $\frac{1}{2}$ *dinar* (à direita) e
- *dinar* (‘dobra’), ambos com quadrados inscritos;
- *dirhem* inicial, circular mas com quadrado inscrito;
- moedas de prata quadradas: duplo *dirhem* (raríssimo, talvez usado como amuleto);
- *dirhem*; - $\frac{1}{2}$ *dirhem*; e $\frac{1}{4}$ - *dirhem*.



TAIFAS ALMÓADAS

Dirheme quadrado de

Mūsà ben Moḥammad ben Nuṣaīr ben Maḥfūz

Último Emir do Algarve; invoca como pontífice um Califa do Oriente indefinido, Abássida; deixou de reconhecer o califa Almóada.



631-660 H.

en el
ALGARBE

dirham
14 mm 1,48 gr.

الله ربنا
محمد رسولنا
العباسي
امامنا

Dios es nuestro Señor
Mahoma, nuestro enviado
Al-‘Abāsī
nuestro Imām



امير الغنج
المستعبر بالله
موسى بن محمد بن
نصير بن محفوظ

Emir del Algarbe
al-Musta‘in bi-Allāh
MŪSÀ ben Muḥammad hijo de
Nuṣair hijo de Maḥfūz



*«E não há vencedor senão Deus»
Dinar nas séria, Reino de Granada*



a

و لا غالب الا الله



b

و لا غايب الا الله

و لا غالب الا الله

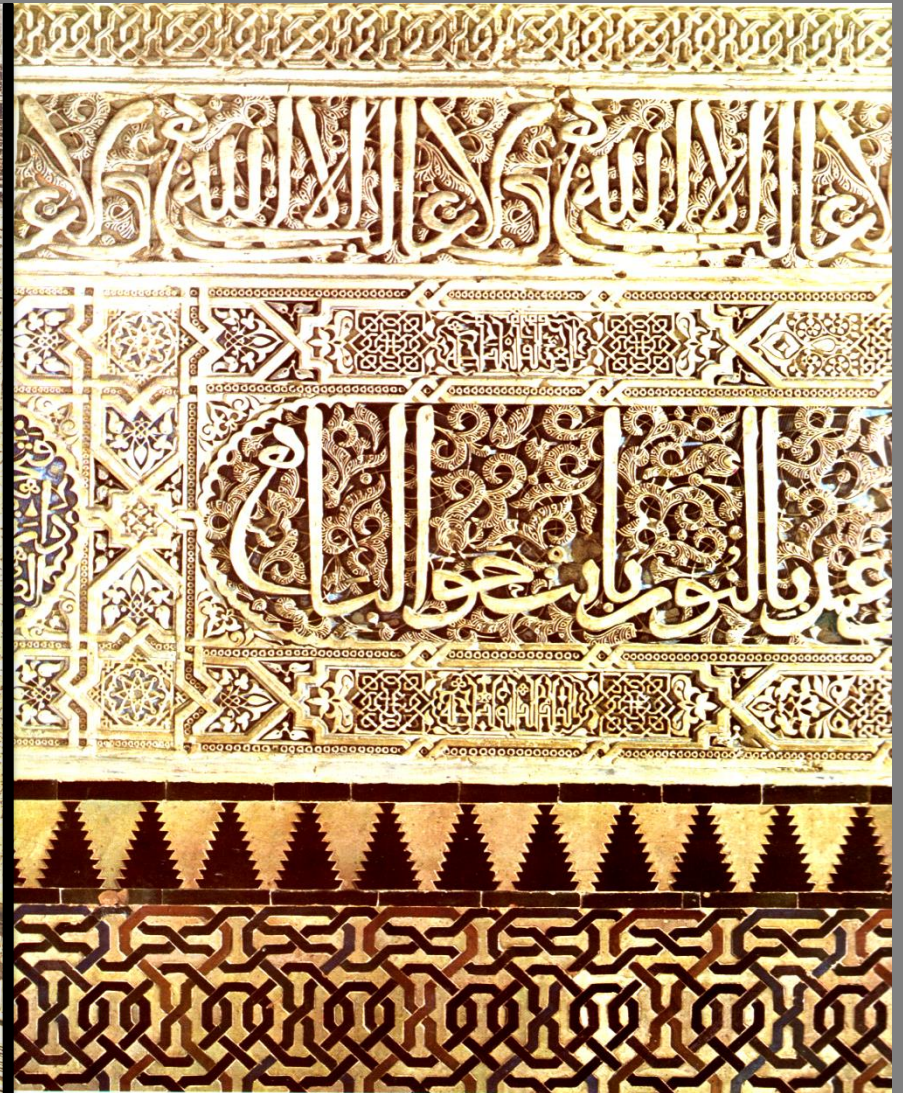
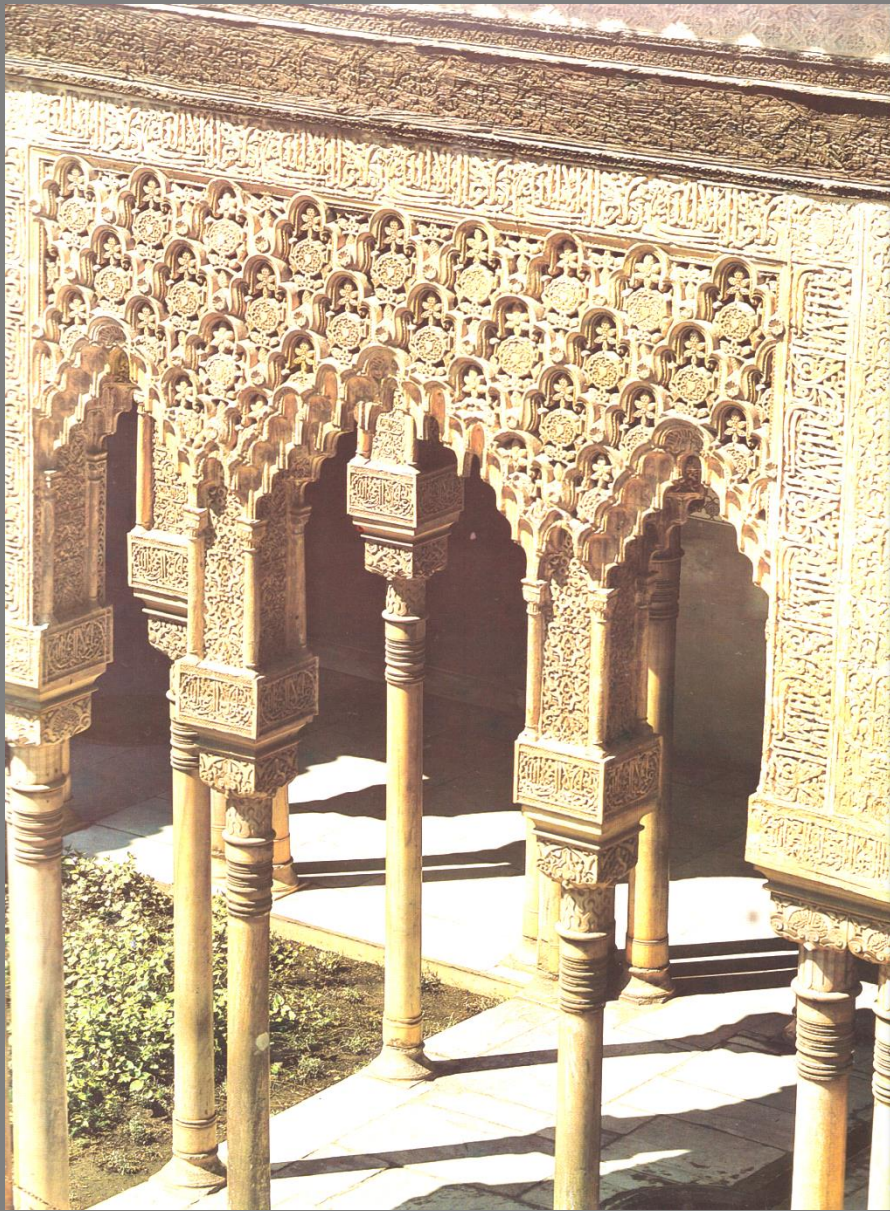
Allāh • illā • gālib • lā • wa
 DIOS • SINO • VENCEDOR • NO (hay) • Y

(Sólo Dios es vencedor)

و لا غايب الا الله

Allāh • illā • gālib • lā
 DIOS • SINO • VENCEDOR • NO (hay)

(Sólo Dios es vencedor)



ÚLTIMA TAIFA

*Patio de los leones (à esquerda) e
Sala de las dos hermanas
Alhambra, Granada*



MOEDAS em uso, essencialmente na 2.^a metade do séc. XV

C r u z a d o, Afonso V, Portugal; *F l o r i m* de Florença; *G e n o v i n o* de Génova; ao centro, *D u c a d o* de Veneza; em baixo, à esquerda, *D i n a r* de B a r s b a y, Sultão mameluco do Egipto.

GRUPO 4 — CEITIS SEM CASTELO

4.1 — LEGENDA ÁRABE

4.1.1 — *Escudo grande coroado*

Segundo F. A. Costa Magro, 1986: 206,
Ceitis, Ed. Instituto de Sintra (modificado)





Segundo M. Telles Antunes, 1989,
O Arqueólogo Português, sér. IV,
 6/7: 298

Variante, outro cunho (Reis, nº 50)	Cunho considerado típico	Transliteração	Tradução
<p> مانو ل سلطان </p>	<p> من مانو ل سلطان برتقال سبت ة </p>	<p> <i>Min Mānuwail</i> <i>Sultān</i> <i>Burtuqāl</i> <i>Sebt</i> <i>ah</i> </p>	<p> De Manuel Rei [de] Portugal Ceut a </p>

[Ceuta no exergo; tudo o mais na parte principal do campo].

Um ‘f e l c e’ de D. Manuel I, o *ceitilarábico* da literatura.
 Exemplar encontrado no Castelo de Alcácer do Sal ca. de 1952.

*(Comunicação apresentada no Instituto de Estudos
Acadêmicos para Seniores, no ciclo de conferências
A moeda conta a história,
a 15 de março de 2017)*